



MARIA LLÁCER

o eminente soprano lírico-dramático, no 1.º acto da opera de Mascagni, *Isabeau*

II série—N.º 570

ILUSTRAÇÃO

Lisboa, 22 de Janeiro de 1917

Portugal, colónias portuguesas e Hespanha

Assinatura Trimestre, 1\$20 etv. — Semestre, 2\$40 etv. — Ano, 4\$80 etv. —

Numero avulso, 10 centavos

PORTUGUEZA

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL "O SECULO"

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

L **LEÃO AMERICANO**
Sociedade Sport-Aviata
 (EM ORGANIZAÇÃO)
 Para aplicação das peles em todo o genero.
 ATELIERS REUNIDOS DE Chapéus, Vestidos e Peles
 1. Av. ALMIRANTE REIS, 1.º andar
 INTENDENTE (só no 4.º andar)

¿Quereis ter boa dentadura?
 USE A PASTA DENTIFRICA
FLORA
 que é a unica que conserva o esmalte dos dentes e a hygiene da boca.—A venda em todas as farmacias, perfumarias e drogarias e mais estabelecimentos do paiz. Unico representante para Portugal, colonias e Brazil
F. L. MATHEUS, Rua do Norte, 34, 1.º

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Oury 261 JOAQUIM R. ALVES
 LISBOA

A
Enterocolite mucosa-membranosa
 e as suas complicações, curam-se por completo com a
LACTOSYMBIOSINA
 Enviar consulta detalhada ao
LABORATORIO SANITAS—T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa

Grandes Armazens de Calçado
CALÇADO BARATO
J. H. Candeias
 A casa mais bem sortida do paiz e que mais **BARATO VENDE**
R. DA PALMA, 290—T. do Bemfornoso, 14 (AO INTENDENTE)
 Envia-se encomendas para a provincia contra reembolso.



COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO
 Sociedade anonima de responsabilidade limitada
CAPITAL:
 Ações..... 500.000\$000
 Obrigações..... 525.910\$000
 Fundos de reserva e amortização..... 902.408\$000
Total..... 1.928.318\$000
Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tonar), Penedo e Casal d'Hermio (Louã), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes Jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos: 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 31, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: LISBOA, 603—PORTO, 117.

FOTOGRAFIA
Reutlinger
 A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Pelos do rosto
 Extraem-se radicalmente usando o afamado depilatorio
OSODRAC
 Infalivel e inofensivo. Preço 800 réis. Correio 800.—DEPOSITOS:
F. CARDOSO, Rua Alvaro Coutinho, 23
e Drogaria SILVA, Rua da Palma, 7

Medico DECIO FERREIRA
 Tratamento e cura pelo **RADIUM** do **cancro** (Epitelomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. *manchas de vinho*. Tuberculose cutânea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas, metrites. Uretrites cronicas. Hemorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.




Antes **Depois**
 Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisas, tumores, etc.
Consultorio: Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)—Telefone 2.570, LISBOA

REMÉDIO FRANCEZ
 o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
 INVENTADO em 1802
 VERDADEIROS
Grãos de Saúde
 do **D^r Franck**
 (Véritables Grains de Santé du D^r Franck)
 Em todas as Pharmacias e Drogarias.
 DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA



Carnaval

Se podemos confiar nos calendarios, o carnaval esia para breve. No entanto, não se notam em Lisboa indícios alguns de tal aproximação, o que pela primeira vez acontece; com anticipação muito maior, nos outros anos, por este tempo já os bailes de mascarados publicos e particulares se multiplicavam.

Tendo terminado a suspensão de garantias, dado que a d'uma pessoa se divertir fôsse das proibidas, não ha duvida de que essa abstenção é inteiramente voluntaria; e como apesar da sua generalidade não pode ser o resultado de combinações entre os individuos, conclue-se que toda a gente, por intuito ou pelo raciocínio, percebeu que no momento actual o riso, a chacota, a exteriorisação desengonçada da alegria não podiam ser levadas senão á conta de loucura.

Ainda nem vimos anunciados os costumados bailes nos teatros; quer dizer, o bom senso até extinguiu nas emprezas o desejo do ganho, o sentimento commercial, que é de todos o mais teimoso. E assim responde o povo aos que o acusam de frequentar, mais do que nunca, os divertimentos publicos: distrae-se, é certo, mas com conta, peso e medida, tanto quanto se torna necessario para repousar e readquirir forças; tratando-se, porém, da autentica folia em que ele é ao mesmo tempo, autor, ator e espétador, d'um destempero de faculdades incompativel com o estado consciante, ele retrae-se, serena e cumpre o seu dever de ser sério. Bom povo, o nosso!



Ingenuidade

... Bom e ingenuo. Conta-se agora—e embora os boatos sem base fervilhem, este parece que a tem—que em tempos não distantes certo estrangeiro, apresentando-se ás nossas autoridades como cidadão suizo, mostrou desejos de conhecer nas profundezas o mar das costas de Portugal, não sabemos para que especie de estudos a que se entregava.

Ocorreria, naturalmente, perguntar que interesse tinha um suizo, paiz não maritimo, em semelhantes trabalhos; mas por facil que nos pareça agora o reparo, o caso é que ninguem o fez e que o referido estrangeiro, cremos que auxiliado amavelmente por peritos nos-



... sos, procedeu nas costas de Aveiro ás sondagens e outras tarefas que tinha em mente realizar. Um belo dia o suizo desapareceu e agora os submarinos alemães teem, ao que se diz, aparecido não longe do local examinado pelo nosso curioso visitante.

São aos centos, factos como estes. Lembram-se da ultima visita de D. Miguel a Portugal? Foi durante a ausencia de D. Carlos e a regencia da ex-rainha D. Amelia. O pretendente percorreu todas as localidades que desejou, chegou a visitar instalações militares; esteve até em Tancos e não lhe faltou tambem o condescendente *cicerone*, que se desfez em cortezias para com o principe e depois nos jornaes descreveu a visita deixando pouco veladamente perceber que o conhecera.

Sim, ingenuo povo, que mal não usa porque mal não cuida, mas que quasi sempre paga duramente estas ingenuidades, muito gratas aos nossos corações de poetas, mas que não deixam de ser perigosas. É se nos emendássemos da toleima?

Aviões

Quanto se tem caminhado, pelo ar, do padre Gusmão para cá! Durante muitos anos a tentativa de voar não passou de um tímido esboço e tímidos ainda foram os vôos de ha uma dezena de anos; de subito na atmosfera cruzam-se aparelhos, disputam velocidades, alturas, carga, e hoje são rapidos como o raio, sobem a milhares de metros e, quanto a carga, já se anuncia um avião gigantesco, inventado por Santos Dumont, podendo transportar trinta pessoas e varios canhões e metralhadoras.

Não intercalamos na *Cronica* esta noticia por que nos supreenda o engenho dos homens; de ele esperamos muito mais ainda, insaciaveis como são. Intercalamo-la, contudo, porque nunca falta, quando os jornaes dão conta de um invento d'este genero, a observação de que pode transportar maquinas de guerra, como se o primeiro pensamento perante uma invenção fosse sempre de sangue e de morte. E note-se que em muitos outros inventos, de apparencia absolutamente inofensiva, caso analogo se tem dado; lembramos, por exemplo, de que quando Daguerre obteve as primeiras fotografias, um periodico de então aventou a suposição de que a descoberta viesse a ter importantes applicações nas artes belicas...



Emfim, consolemo-nos com a idéa de que esta preocupação não representa um desejo de combater, mas, como muitos argumentam, uma ansiedade de paz, visto que, quanto mais armado se estiver, menos provavel se torna o ataque inimigo. E' certo, mas tambem não deixa de ser verdade que um excesso de força acaba por exigir -objetivo em que se empregue e que os pensamentos humanitarios se desfazem com o fumo dos primeiros tiros.

S. Carlos

Abre ou não abre o nosso teatro lirico? A pergunta, em todos os principios de ano, repete-se nos centros de conversa e mal aponta uma esperanza de que appareça empresario. não se esconde a alegria entre as pessoas cultas da nossa sociedade. Ha pouco delineou-se qualquer indício de aparecer, emfim, o sonhado concorrente, mas foi de uma consistencia efemera, quando já se discutiam probabilidades de que a antiga concorrencia voltaria a S. Carlos, já se recordavam temporadas notaveis, já se falava n'uma reconciliação fatal entre politicos de diversos ideaes, perante a arte, razão sufficiente para se esquecerem todos os resentimentos.



A ocasião, não seria, talvez, bem escolhida; mas passados os males que nos affligem agora, supomos que não se arrependerá quem contar com essa reconciliação, se ela fór necessaria para produzir a receita bastante para os encargos do teatro; de mais, as nossas mulheres bonitas, e são-no tanto

as da velha aristocracia como as da moderna democracia, não teem muitos recintos onde possam ser admiradas por uma multidão entendedora da beleza. Assim, S. Carlos voltará e elas não faltarão, sem receio do conjunto, na convicção da sua superioridade individual, sorrindo umas ás outras e umas das outras.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Stuart Carvalhaes).

Cosmopolitas



Mezzo soprano Elena Lucci

Entre a gente de teatro, esta casta singular das cantoras líricas constitui uma aristocracia cosmopolita curiósissima. Errantes sempre, de terra em terra, nada as aproxima d'essa outra bohemia, aventureira e saltimbanca, das deusas do circo e das variedades. Estas, ainda as relativamente celebres, salvo raras excepções, vivem na 2.^a classe dos paquetes e dos comboios, nas pensões e nos hotéis modestos, cheirando a cavalariça, a *maillots* e a noitada. Como regra, são aves noctivagas — que andam pelo mundo de ceia em ceia, dos braços d'um *clown* para o automovel de um estroina, com um cavalo, seis cães amestrados e um *souteneur*, pelo menos, na bagagem.

A *prima-donna* ou *il tenore* constituem um principado internacional áparte. Viajam nas *cabines* de luxo dos grandes transatlânticos ou dos grandes expressos, instalam-se no andar nobre dos hotéis-palácios, ganham e gastam fortunas, arrastando pela vida um manto sumptuoso e cenográfico de magestades d'opera. As exigencias que a higiene profissional da laringe e dos nervos lhes impõem, limitam a bohemia amorosa e a fantasia d'habitões de Suas Altezas a Cantora ou o Cantor a uma côrte discreta de banqueiros, de empregarios e de *cocottes* semi-refor-

A cantora Cesira Ferrani, creadora da *Bohème*, hoje retirada da cena

madas. Sempre entre o solfejo e o gargarejo, com o terror da batuta e do abaixamento de voz, os escandalos sentimentaes e as extravagancias dos grandes prazeres, são-lhes quasi vedados. Ainda hoje

é celebre, no mundo lírico, a aventura da conhecida Ema Carelli que tentou em Italia suicidar-se, apaixonada, se bem me recordo, pelo deputado De Mochi. E ficou notavel e famoso aquele pitoresco episodio attribuido ao nosso Chico Redondo que, uma vez, teve a veleidade de ir pegar um toiro, n'uma toirada de amadores e que, colhido e derubado, no meio da emoção e do alarido de toda a praça, que o supunha morto, se ergueu, ensanguentado, mal o boi passou, para, aflito e solene, na arena, entre as capas e os forcados, soltar um estridente dó de peito — a experimentar se tinha perdido a voz...

A *prima-donna* não tem patria: vôa e trina, como as aves, pelo mundo. A sua realeza é efemera — e ai d'aquelas

que não sabem poupar e aproveitar o seu reinado artistico! A celebre Darclée uma das grandes celebridades líricas contemporaneas, dissipou a sua realeza e não soube emudecer a tempo. Por isso, hoje, depois ter arrastado pelos palcos em que outr'ora a sua arte triunfára, a miseria da sua decadencia — está



Maria Llacer na *Isabeau*

acabando, ás sopas do filho, na pobreza e na saudade. Entre as minhas melhores recordações pessoasas, avulta o nome de Cesira Ferrani, a creadora da *Bohême*, que foi, segundo dizem, amada pelo proprio Puccini e que teve de fugir do palco ainda nova, *senza voce*. Nunca mais ouvi falar d'ela.

Outras, que eu conheci, mediocres cantoras, abandonaram as *Toscas* e as *Thais* e, como a galantissima Ema Vecla, fizeram-se estrelas da opereta — e reinam na *Viuva Alegre*.

Pequena raça canora e cosmopolita, os cantores liricos, de cidade em cidade e de continente em continente, encontrando-se hoje em Buenos Ayres, despedindo-se amanhã em New-York, hontem em Madrid, na semana seguinte em Roma, quinze dias depois na Russia, constituem, no entanto, uma humanidade com as suas afinidades, que se mantem, atravez de todas a vicissitudes da carreira. Todos, russos, espanhoes, italianos, portuguezes ou argentinos, falam uma lingua: o italiano. Todos tem uma patria adoptiva: a Italia. Todos tem um lar: Milão, onde vão desfazer as malas e fazer os contractos.

— «*E' vero, si, abbiat mo casa in Mi'ano*» — dizia-me ainda hontem, uma cantora distinta que está atualmente no Coliseu, a sr.^a Maria Llacer. E' uma formosissima mulher e uma notavel



Maria Llacer no seu camarim



Soprano
Sora Fidella Solari

pequenina, constelada de joias, da creadora da *Isabeau*, tem, estreitando delicadamente a minha, qualquer coisa de principesco e magestoso.

As rainhas cosmopolitas — os lindos rouxinoes errantes pela terra!

A. de C.

artista. Hespanhola, natural de Valencia, terra de lindos jardins, a creadora da *Isabeau*, em Veneza, ao lado de Giraldoni e sob a regencia do proprio Mascagni, sorri quando eu lhe falo na vida dispersiva, flutuante, incerta, da sua profissão.

«Amo as emoções, as viagens» — responde. E os seus dentes e os seus olhos de hespanhola, adoravelmente

lindos, brilham de mocidade.

Coisa curiosa! Esta raça de principes *della bella voce* está rareando, por forma assustadora. A Italia deixou de produzir, com fecundidade, os grandes tenores. Carusó envelhece, quasi sem successão. Não ha atualmente um grande soprano dramatico. E a primazia dos grandes sopranos ligeiros parece ter passado para a Hespanha, que mantem quasi exclusivamente a sua exportação mundial.

A sr.^a Maria Llacer é uma hespanhola, como hespanholas são a Barrientos e a Hidalgo, que o publico do Coliseu ainda ha dias aplaudiu. E a mão



A cantora Ema Vecla, que abandonou a carreira lirica e é hoje estrela da opereta em Italia.



Soprano Comprimario Carmen Morelli.

A obra de João de Deus



O poeta João de Deus

João de Deus Ramos pela memoria illustre de seu pae.

Tanto o museu com a sua curiosa biblioteca, retratos, livros e varios objetos que pertenceram ao imortal cantor das *Flores do campo*, como o Jardim-Escola proporcionando ás creancinhas o mais aprazível logar para elas receberem o primeiro pão do espirito, são duas maravilhas d'arte de bom gosto. A festa da inauguração assumiu uma imponencia excepcional, tanto pelas pessoas de valor que n'ela se congregaram como pela forma elevada e calorosa por que se fez a apologia da obra colossal de João de Deus em pró do ensino dos pequeninos.

João de Deus é um nome, que vibra hoje por todo o paiz como o do grande apóstolo da instrução, como o do padroeiro da infancia. A sua missão de amor e de ensino não terminou com a sua morte; vae-se perpetuando na sua familia, vae fazendo escola entre nós de tal forma que todos os dias surgem novos evangelistas a alimentar-nos a esperança de que em poucos anos essa mancha ignominiosa do analfabetismo que pesa em Portugal ha de desaparecer de todo.

No dia 11 d'este mez realisou-se a inauguração do Museu João de Deus e Jardim Escola anexo, no largo defronte do liceu Pedro Nunes. São duas instituições de grande valor pedagogico que se devem, como outras identicas, á intelligencia, ao patriotismo e ao amor do dr.



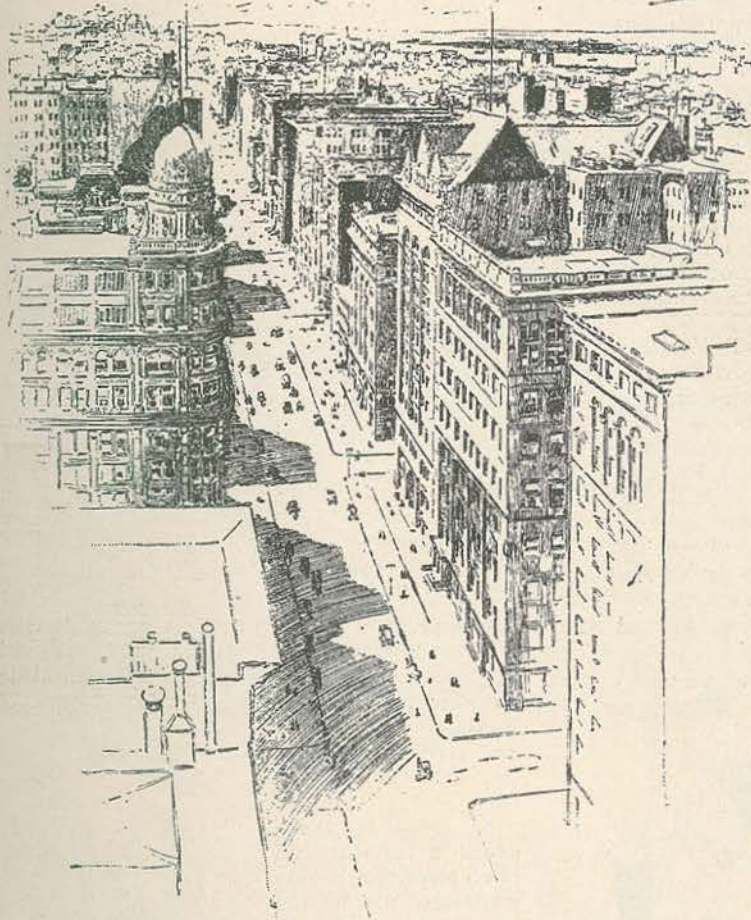
O sr. Joao de Deus Ramos



Fachada do edificio Jardim-Escola João de Deus

(Cliché Benolle)

A AMERICA DO NORTE



A Quinta Avenida em New-York

NÓS, os açorianos, temos pela America do Norte uma admiração extrema, unica. E' a poderosa influencia do contacto em que com ela nos põem fortes movimentos migratorios, que retemperam um pouco os Açores de sangue e de dinheiro, educando no trabalho pratico e util, levantando energias, inculcando coragem e vigor para uma luta, que em parte nenhuma do mundo se trava febril, louca, como nos Estados Unidos, pelo milhão, pelo conforto, pelos ultimos prodigios do progresso. Se o regimen da propriedade nas nossas ilhas, a estreiteza dos seus limites e uns certos factores de ordem etnica proporcionassem campo mais apto a essa influencia, elas seriam hoje muito mais felizes do que são.

Quem vae á America, ainda que tenha já visitado os primeiros paizes da Europa, volta mais de que maravilhado e estonteado de tão intensa vida, d'essa atividade que faz vertigens, d'essa prosperidade que

meira ordem pelo que tem de educativo e de tonificante.

São estas as reflexões sugeridas pela leitura do livro «America do Norte», trabalho magistral de Alfredo de Mesquita, açoriano dos mais illustres, que ocupa um lugar proeminente no jornalismo e na literatura e que tantas missões officiaes tem desempenhado com brilho fóra do paiz. O livro do douto e elegante escritor é bem a America do Norte com todas as suas maravilhas, as suas energias assombrosas, a sua inacreditavel prosperidade e todo o seu imprevisto. Tudo perpassa n'aquelas soberbas paginas, nitido, flagrante de naturalidade, palpitante de vida: como se desbravou aquele enorme e feracissimo territorio, como se abriram as entra-



O sr. Alfredo de Mesquita



Uncle Sam



Eleitores do tempo de Lincoln



O pele vermelha



nhas repletas de tesouros e se ergueram por fim essas cidades magestosas. Depois uma educação, assegurada por uma escola essencialmente patriótica, atraente, dotada com generosidade, onde tudo o que se aprende se verifica e está intimamente ligado

com a luta pela vida; uma escola onde a coeducação se realiza ao mesmo tempo que se forma o caracter dos dois sexos, uma escola, cuja democratização é a democratização da sociedade americana.

E, por ahi adiante, Alfredo de Mesquita traça com mão firme e com o calor de uma grande admiração todos os aspetos do modo de ser d'essa sociedade, a que uma fusão de raças imprimiu raros caracteres de superioridade fisica e mental. Fala-nos da industria, do comercio, do segredo dos grandes negocios; dos milionarios que se arruinam e dos pobres que enriquecem; do deslumbramento das riquezas; das casas monstruosas; da nevrose da pressa; do espirito pratico dos americanos, demonstrado em milhares de coisas; das rivalidades entre as cidades e os estados; da mulher americana; da vida nos hotéis; do jornalismo; dos divertimentos e festas; do amor na America, que começa por uma aprendizagem nas escolas; do que é uma eleição presidencial; das religiões; em suma, é impossivel encontrar trabalho sobre a America, em que a verdade anda mais aliada ao fogo das impressões e no qual, principalmente, se encontrem mais pontos de vista que interessam a Portugal.

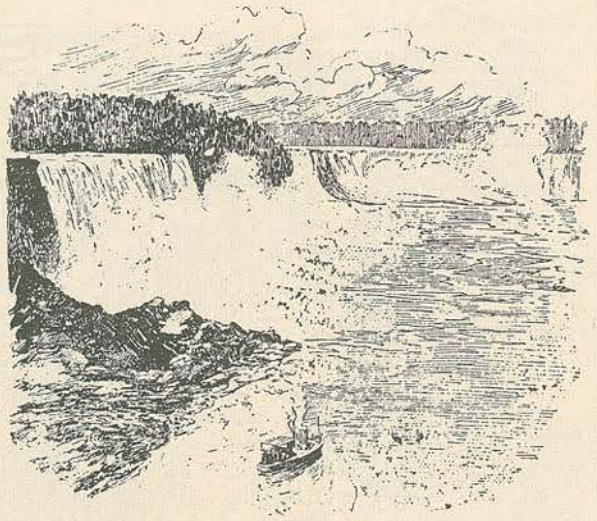


Uma «reporter»

Todos os paizes, geralmente, teem mais ou menos que ver, admirar e seguir na America, por muito adeantados que estejam, por muito creadoras que sejam as suas energias. Aquele povo excepcional, seja qual for o ponto de vista sob que se encare, oferece sempre aos outros um traço novo no seu extraordinario modo de ser, de ano para ano, talvez de mez para mez. Na America não ha nada que envelhe-



ça, nada que cristalise em fórmulas imutaveis. Até quando se acaba de fazer e de publicar um livro, já ha muita coisa refundida, muita coi-



Quedas do Niagara

sa fantastica a apensar-lhe. E' a pressa de viver, a febre de inovação, a anciedade de não deixar nada por descobrir, atingindo intensidades medonhas, nunca registadas na historia de civilização alguma, antiga ou moderna.

Se todas as qualidades e ambições do povo americano se estendessem um dia aos outros povos, não se calculam as transformações por que passaria o mundo inteiro!

O livro de Alfredo de Mesquita, editado pela Parceria Antonio Maria Pereira e ilustrado pelo talentoso lapis de Santos Silva, não deve ficar limitado ás estantes dos estudiosos; tem de constituir uma leitura profusa nas nossas escolas e bibliotecas publicas, pelos salutaes ensinamentos que entesoura e pelo seu alto valor literario.



O «flirt» na America

A. M. de F.



Algumas cidadãs de Tros

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Dissemos em o nosso numero do mez passado que a acção dos submarinos inglezes, comquanto energica e



mares exerce-se com grande atividade sim, mas tambem com todas as precauções para evitar demasias em vista de qualquer equívoco.

Se aquele navio á vela, que vemos n'esta fotografia, fosse avistado por um submarino alemão, era logo metido ao fundo sem talvez dar 5 minutos á tripulação para salvar-se. Avisitou-o, porém, um submarino inglez, suspeitou que ele levava petro-

decidida, era nos casos suspeitos de uma prudencia que devia servir de exemplo á pirataria alemã para moderar os seus revoltantes excessos. Ao passo que esta ataca a torto e a direito, quer seja inimigo, quer seja neutro, quer o navio leve gente de guerra ou simples passageiros, a vigilancia ingleza sobre o

leo para o inimigo, todos os tripulantes sobem á vel-o e arreja-se um escaler para ir a bordo verificar. Verificado que o navio não levava nada suspeito, deixa-se que siga pacificamente o seu curso, sem que no espirito da sua gente ficasse da tal visita a menor impressão de terror.



Alemães capturados pelos francezes no ultimo ataque de Verdun.



Ao rei Vitor Manuel, que raras vezes deixa os campos de batalha, vendo-se nos pontos mais arriscados de combate, chama a *Illustração Italiana* o «primeiro soldado d'Italia», pelo seu heroísmo e valor do seu exemplo. N'este clichê, da secção fotografica do exercito italiano, vê-se o rei á frente do seu estado maior seguindo as operações.



Os ingleses no Egypto.—

Continua com exito a campanha dos ingleses no Egypto, apesar dos jornaes não darem muitas noticias a esse respeito. Representa uma d'estas gravuras um extenso comboio de carros com viveres e munições e a ou-ra a «panne» de um automovel na areia do deserto, em cuja travessia o resistente e sofredor camelo é ainda por enquanto, difficil de substituir.



Do N.º 570

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.º

Director: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO 43 LISBOA

Contra o consumo da eletricidade



Da multidão que cerca o poste da iluminação elétrica:
 — Que está você a fazer, aí empoleirado?
 O po ícia:
 — A soprar a luz, por causa da *inconomia* no cravão...

PALESTRA AMENA

O anuncio

Confessamos que somos pessoas de uma extrema boa fé, absolutamente incompatível com a felicidade, no estado atual da sociedade bem organizada; chega essa boa fé a roçar de vez em quando pela burrice, levando-nos a armadilhas que não iludiriam uma criança. Mas confessamos também que a nossa credulidade tem perdão, porque não raramente o laço é tão bem armado que outros, mais inteligentes do que nós, n'ele se deixariam prender.

Agora mesmo acabamos de ler de fio a pavio o anúncio d'uma sapataria, que, para chamar a atenção dos freguezes, fez inserir nos jornaes algumas linhas que começavam assim: «*Concluiu-se a paz entre os aliados e os imperios centraes*», terminando por dizer que o kaiser, de acordo com o presidente da Republica franceza e com o tzar de todas as Rus-ias, tinha resolvido comprar o calçado na rua Augusta, numero tal. Caimos como patinhos e juramos não cair para a outra vez, mas igual juramento temos feito centenas de vezes para o quebrarmos na primeira ocasião.

Não condenamos os anunciantes que se servem d'estes meios para atrair concorrência ou, pelo menos, para conguir em que lhes leiam os arr zoados. O sistema veio dos Estados Unidos da America do Norte e parece que é bom, porque aquele paiz nada em tanta prosperidade que nem sabe o que ha de fazer ao ouro que lá tem em excesso, como se fôsse difficil encontrar quem lhe fizesse o favor de o aceitar. De modo que, embora a indole dos povos varie com as latitudes, não vemos razão de mais para que as mesmas causas não produzam entre nós os mesmos efeitos, e sendo estes o desenvolvimento do commercio, nada temos a opôr.

Permitimo-nos, comtudo, dizer que para elaborar anuncios d'estas e d'outras especies, é mister dispôr de talento não só comercial mas literario, além de bom senso; de acordo que se aproveitem os acontecimentos de atualidade para prender a atenção do leitor, mas repare-se em que nem todos os acontecimentos se prestam a esta chalaça e que o anuncio, pela redação, não deve repugnar ao bom gosto. N'este ultimo ponto dirijimo-nos especialmente aos autores dos anuncios em verso: não ha duvida de que os gabões do sr. Clément, por exemplo, podem inspirar um poema; mas cantados em versos de pé quebrado não é provavel que venham a ser adquiridos por quem preze as belas letras nacionaes.

Mas isso é o menos; mais ou menos literatura não é o que afastará freguezes. Ao que nos queremos referir, com o caracter de generalidade que o caso requer, é a certos anuncios que af apareceram ha pouco e que aproveitavam os crimes de abortos e de esquarteramentos de crianças recém-nascidas: começavam por dizer que tinha apparecido em tal sitio um braço, noutro uma perna, acolá uma cabeça... Por fim,

tratava-se de reclamar uma pomada para tirar calos.

Pois na verdade vos declaramos que por muitos e dolorosos calos que tivéssemos não eramos nós que punhamos os pés em casa do anunciante, a não ser para os applicarmos na parte posterior da sua es upida pessoa, que nos obrigou a ler o anuncio até o fim. Apre, que desabafamos!

JOSÉ NEUTRAL.

Protesto

A esta hora é do dominio universal que um tal sr. Alfredo Pimenta, escritor publico, apanhou uma g ande sova do sr. Queiroz e que o facto foi celebrado em muitas gazetas com uma alegria canibalesca.

Não temos procuração do sr. Alfredo Pimenta, não o conhecemos nem de vista e não sabemos as razões da tosa, porque nunca lemos a prosa do dito sr. Pimenta. Entretanto, na nossa missão de defender os fracos, aqui protes-



tamos e abrimos uma subscrição a fim de fornecer ao agredido a medicação necessaria não só para as contusões já recebidas, mas para as que venha a receber—ou seja, o dinheiro suficiente para 5 litros de tintura de arnica e 10 metros de adesivo.

Esperamos que os nossos leitores, apezar de asoberbados pela actual carestia dos generos, acorram ao nosso apêlo, para que se não inutilise, pelo amachamento, tão importante personalidade como a do sr. Pimenta. Iniciamos a subscrição:

Seculo Comico..... 2 centavos

Conto de janeiro

A *Camelia* tinha pelo *Veludo* visivel predileção, que se manifestava sempre que este apparecia á janella do predio fronteiro, não só em olhares, mas em significativos *miaus*. Durava aquillo havia uns seis mezes, isto é, desde o dia em que a *Camelia* avistou o *Veludo* pela primeira vez: aquele grande ar do gatarrão, espreguiçando-se indifferente no parapeito, o seu olhar piscar e sonhador, a elegancia com que encaracolava a cauda, tudo isso conquistára rapidamente a gatinha, que andava ansiosa por conhecer o *Veludo* de mais perto.

Mas como, se tanto a dona da *Camelia* como a do gato, tinham encaracorado os dois bichos e sobre eles exerciam feroz vigilancia? O *Veludo* nunca tentára pôr as patas fora da

porta, mas a gatinha atreveu-se um dia a isso e como consequencia tinha apanhado duas tão fortes sapatadas da



dona, que por muito tempo não lhe ficára vontade de repetir a experiencia.

No presente janeiro, porém, a sua paixão chegou ao auge. O *Veludo* ostentava-se tão atraente, com tão graciosos e nobres movimentos, tão adiosamente convidat vo, que a *Camelia* resolveu arriscar-se a tudo para conseguir uma en revisa: uma hora de amor vale bem um par de sapatadas!

Ha dias teve ensejo de pôr em execução o seu projeto. Apanhou a dona entre d e ella aí vae surranteiramente até á porta da rua, providencialmente aberta...

Não se demorou, porém. Entrara em casa do *Veludo*, aproximara-se d'ele amorosamente, mas o maroto recebera-a ás unhadadas, bufando, contra o roçar confiado a que a *Camelia* se havia atrevido.

Regressou, a infeliz, e resignadamente recebeu a sova da dona, que repetia a cada chinellada que lhe dava:

—Toma! toma! O que eu devia era mandar-te castrar, como a visinha fez ao *Veludo*!

Tareco Junior.

A censura

Uma nota officiosa avisou os jornaes de que de futuro a censura só se exercera contra o que prejudique a nossa preparação militar ou contrarie a nossa intervenção na guerra.

No proprio dia em que a nota foi distribuida aos jornaes estes começaram a respirar desafogadamente, a ponto de um d'elles dizer que tem sido vitima ou do acinte da censura ou de uma insanía que entra nos dominios da patologia.

Ora até que emfim já se pôde chamar á vontade patife ou maluca a uma pessoa!

Velhas anedotas

Lamentações d'um sujeito casado á consorte:

—Olha, filha, se eu fosse solteiro tinha prégos de ouro, mas como casei contigo tenho o ouro no prégio.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida amétade:

Ai, filha! quem viu u cinhor Ferreira da Silva i quem o vê! Alebraste d'aquelle unhas de fome, que não dava sinco réis pra mandar cantar un sego? Pois dènes que le deu para a fed Igarria i ce fez *Ultemo cenhor de S. Jião*, prantouce a dar ismolos prá di é ta i prá isquerda, a atirar cu din êro pella jinelá intê que ficou pob e cumo Jô, a pontos de t.r de ir viver pra casa da Barbra i ma'a a Luz Velosa, cumo sa quella prove cinhora nan tivece já que çustenta o Tiadoro i de le pagar os istuidos in Coimora!

Infin, cempre faz pena a uma peçoaver um ome cair acim na misera. Tamem concurreu munto pró a ruinar dar chazes toudas a- noites a 4 peçoas entre elas ó sr. Xabi, caquilo çó em açure para cada xicra gasta pra riba dum quilo.

A perposito de Xabi: quem havera de dezer cu sr. Ferreira devia a este vinte contos de réis i que pur co-a d'icho é que se havera de arruinar? Pois deve, ó antes devia, porque u sr. Ferreira intregou-lhe a casa de S. Jião i agora o sr. Xabi i o filho Grave lá istão de poce d'uma bela muvilia, d'um



bunito pano de fundo pintado pelo Marguilhão i duns poucos de retratos de antepaçados do sr. Ferreira.

Ora touda esta desgraçia ce tinha invitado, ça sr.^a Luz Velosa casaçe com o Grave i não com u Tiadoro. Mas purque dianho nan quer ela? Já tem casado com tanta jente que mais um menos un nan me parece que lhe fizesse difrença á fedalgaria da familia. Os pois, u Grave cempre é mais ome cu Tiadoro, canda a finjir de teso com u Grave mas que çês e le dêce um murro, istás a vêr, ó Zefa!

Agora vou te dezer que quem descubriu na Beira touda esta familia foi o sr Bisente Arenoso, um caxopinho munto cinpatego, que carrega nus erres i dá abraços a touda a jente, a modos de quem pede isculpa de cerconde. E' um cintimental, como á dizem in Lisboa, mas no fundo nan decha de ter bom cenço, como ce vê pur esta piada cu Xabi larga na peça:—Tanho dois filhos candam nos estuidos; um ficava cempre bem dos inzames i u outro cempre reprovado. Vai u antão arresolvi cu que era bom istudante i inteligente nan istudace mais i vinhece pra casa tumar conta na minha loje; i



O REI DA GRECIA

Ou tem areia vossa magestade
Ou é um fraco rei n'esta emergencia
Em que é precisa rara competencia
Além de tino e força de vontade.

Dizem que a sua belica metade
E' que é autora, emfim, de tal demencia;
Então, caro senhor, tenha paciencia;
Mas é parvo de todo, a ser verdade.

Reaja, que diabo! Vida nova!
Não vê que d'esse modo se amesquinha,
Que todo o mundo tais ações reprova!

Não se faça palerma nem chóchinha
E, se é preciso, aplique-se a ma sova
No roseo assento da gentil rainha!

BELMIO.

cu istupedo continuasse os estuidos.

Oje o istupido é delegado i eu é que tanho de le mandar dinheiro pró çustento; o que nan ceguiu us istuidos istá rico.

Ora com isto é que ce fa'ia uma pesa bem boa i conselho u sr. Bisente a que a fassa ce quer que u apelauda mais uma vez u ceu amigo i teu marido cempre fiel i imprasial ca vida te desija an cumpanhia de quem mais istimares.

Jerolmo

Emprezario do Paulitama
de Peras Rulvas

Tres obras notaveis

Temos hoje a dar aos leitores uma noticia que os vai encher de felicidade: o illustre poeta e dramaturgo sr. José Nunes da Mata acaba de lançar á publicid de tres folhetos em verso, intitulados *A' guerra pela paz e pela liberdade*, *A's armas cidadãos*, *correi ás armas e O amor e o trabalho*.

Este ultimo, por ventura o de maior folego dos tres, segundo as palavras do autor, constitue os dois primeiros capitulos de um projetado livro em verso com o titulo *Um passeio pelo mundo*. Infelizmente, esta esperanza da na cava, desaparece no prefacio, pois que Nunes da Mata d-clara ai que «como só faz versos quando na occasião não tem nada que fazer ou quando cá doente na cama, é de supór que nunca o livro seja concluido».

Penalisa-nos enormemente, a bem da literatura patria, que o eminente poeta tenha sempre que fazer e logre uma saude de ferro, mas resignar-nos hemos tanto mais que os dois capitulos publi-

cados são já uma verdadeira maravilha e encerram uma lição em extremo proficua Um dos capitulos é dedicado ao *Amor* e o seu fim principal—tambem palavras do autor «é estigmatizar os excessos e despropósitos do chamado amor, que, na maioria dos casos, não passa de excitação nervosa e lascivia propria e alheia.» Bastava pois, tal capitulo, para perdoarmos a Nunes da Mata o não escrever mais nada, apezar de já andarmos ha muito desconfiados de que o amor é uma cobiça.

Vê-se que tinhamos razão quando tal supunhamos.

Livros, livrinhos e livrecos

Sonhos de beleza, por Alfredo Pinto (Sacavem).—Sob esse titulo reuniu o autor algumas das suas interessantes conferencias de arte, nas quais se manifesta critico de rara cultura, principalmente em assuntos musicais. E como, para impôr o seu modo de vêr, dispõe de estilo facil, colorido e atraente, os *Sonhos de beleza* terão logar escolhido nas estantes de todas as pessoas de bom gosto, que o hão de rler muitas vezes quando o espirito lhes peça um repouso consolador para criar novas forças na luta quotidiana.

Os conquistadores

Telegramas do nosso correspondente em Paris:

Paris, 5.—Chegaram officiaes portuguezes. Apezar da fadiga da viagem logo na primeira noite começaram a exercitar-se na ofensiva, prestando se gentilmente muitas damas a figurar de inimigo.

Paris, 7.—Da parte do inimigo a resistencia tem sido debil, porque a ousadia guerreira dos portuguezes é de



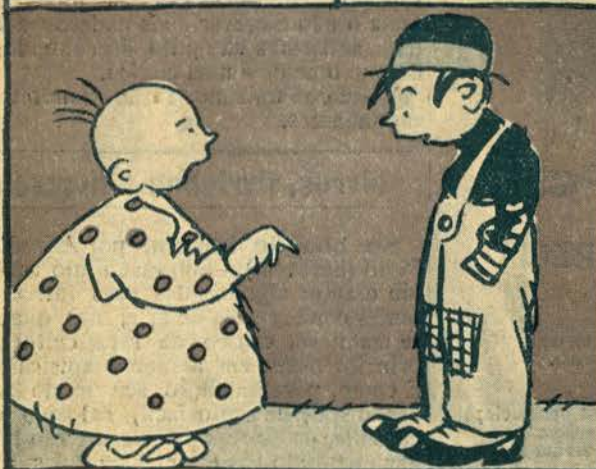
uma violencia aqui desconhecida. Espera-se para breve o primeiro contacto.

Paris, 9.—Realisou-se já o primeiro contacto. Portuguezes apoderaram-se de todas as trincheiras. O fingido inimigo lançou-se-lhe nos braços, entregando-se. Mais de mil corações prisio-neiros.

Paris, 12.—Partiram alguns officiaes para le front. Os boches, sabendo das proezas d'estes em Paris, resolveram não opór nenhuma resistencia. O alto comando militar francez declarou não necessitar de todos os portuguezes nas linhas de batalha; muitos ficarão em Paris, para se evitar o decrescimento da população. Viva Portugal!

O remorso ou as botas do Quim

(CONTINUAÇÃO)



1.—Reconhecendo o Manecas, que ele e Quim tinham praticado uma feia ação não pagando as botas, aconselha o Quim a que se desfaça d'elas.



2.—O Quim segue os sábios conselhos do mano e dá as botas ao primeiro petiz descalço que encontra.



3.—A calxeira da sapataria, em busca do ladrão das botas, reconhece as nos pés do pequeno mendigo e manda-o prender.



4.—É julgado o infeliz, como ladrão das botas e em vão tenta defender-se.



5.—Pelos jornaes, o Quim sabe do engano da justiça e qual outro João Valjean, apresenta-se no tribunal e confessa que é ele o criminoso.



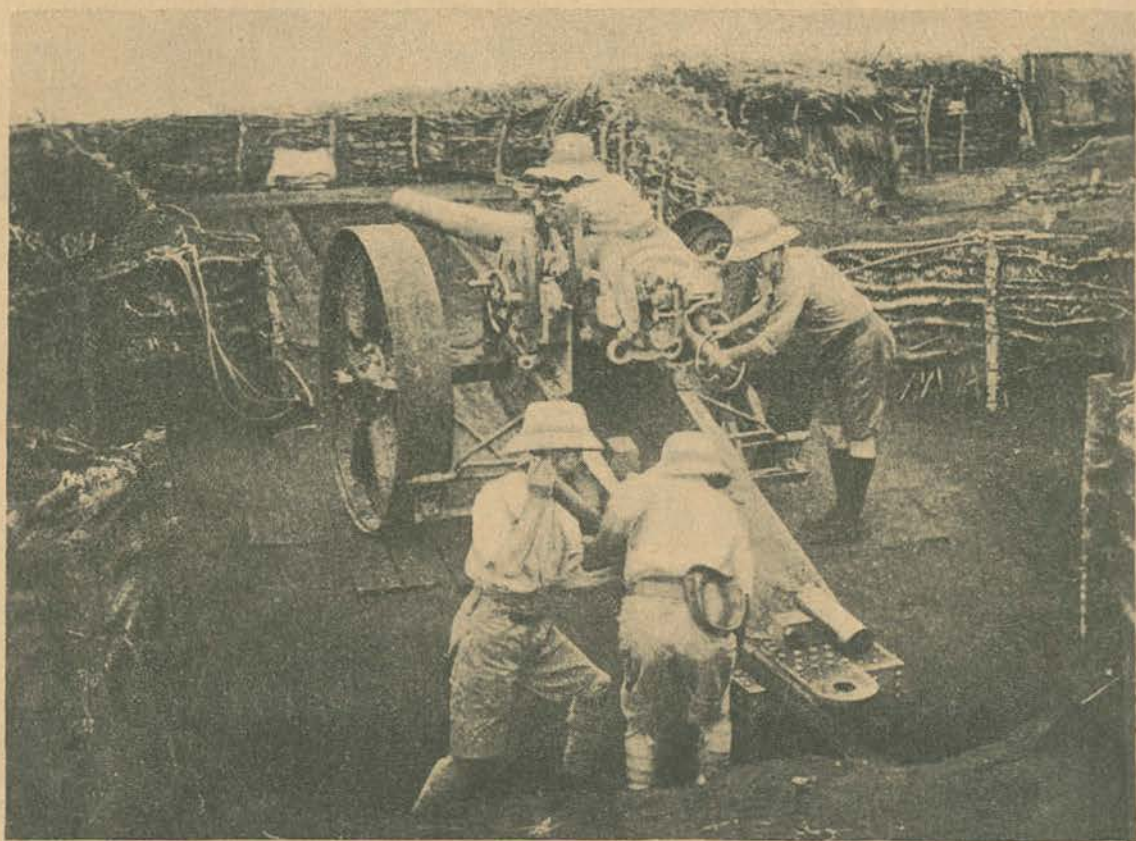
6.—É absolvido, graças á sua pouca idade e ao seu bonito proceder salvando um innocente. Os dois manos abraçam-se comovidos e prometem nunca mais praticar senão boas ações—como se verá.



Os ingleses na Africa oriental.—Continuam os ingleses a bater os alemães na costa Este da Africa, desalojando-os dos seus dominios. A luta por vezes tem lhes oferecido algumas dificuldades, como as nossas tropas tambem as tem experimentado. O alemão tambem estava ali preparado havia muito tempo, como o estava na Europa, no intuito de assaltar e de se defender. Crê se mesmo que, já depois de ter rebentado a guerra,

ele tenha conseguido meter armas e munições na Africa por contrabando de navios embandeirados de neutros.

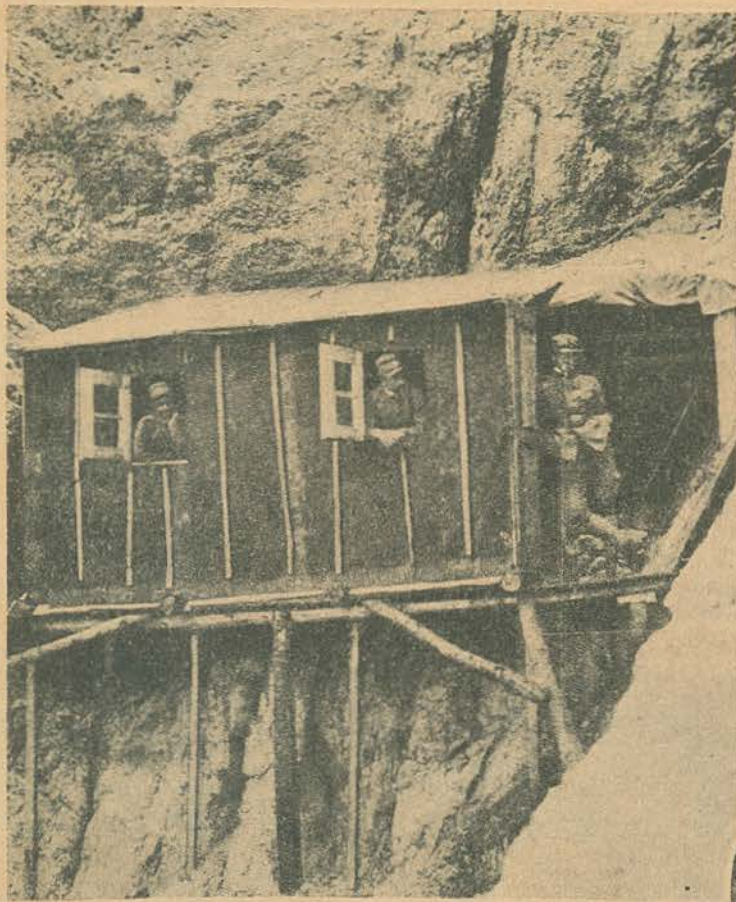
E assim tem êle conseguido resistir em alguns pontos, sem que todavia tenha ganho vantagens de á maior, avançada dos ingleses. Em poder d'estes já se encontra a maior parte dos dominios alemães, que, conhecedores de todos aqueles recantos, se limitam hoje, por assim dizer, a uma defeza de guerrilhas.



Os ingleses na Africa Oriental.—1. Artilheiros Ingleses puxando o seu canhão para prepararem o avanço sobre Zaïta e Marchi.—2. Colocando uma peça de marinha em posição.—(Clichés Branger).



Na frente ocidental.—As enormes dificuldades dos movimentos da artilharia no campo de batalha invadido pelas águas

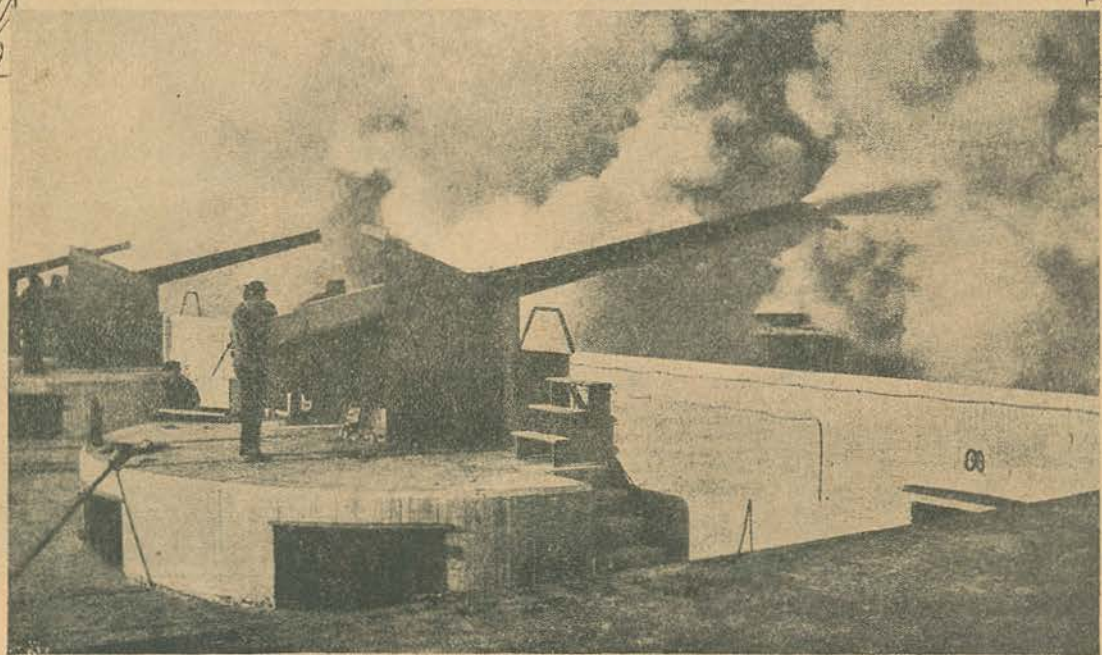


terreno, chegando a parecer impossível como se guindam homens, quanto mais peças de artilharia, a esses pinca-ros, mais propios de pouso das aguias.

E eles ahi se instalam á sua vontade, movem-se e manobram com facilidade relativa, despejando copiosa e mortifera metralha sobre os que, cá de baixo, tentam desalojal-os e que podem eximir-se a confessar os desastres que teem sofrido.

1. Abrigos nos pinca-ros dos montes
2. Artilheiros em descanso
3. Tiros da artilharia italiana na frente sobre o mar

Na frente italiana.— Toda a linha onde os italianos se batem com os austriacos oferece os mais curiosos e fantasticos accidentes de



WOLFRAMIO

Ainda não está esquecida a questão que se levantou sobre a exportação do wolframio e que despertou bastante interesse por se ver a importância que tinha para nós a industria d'este minerio.

Uma das nossas primeiras minas de wolframio é a da borralha, situada na freguezia do Salto, concelho de Montalegre. Pertence a uma companhia lusofranceza, sendo habilmente dirigida pelo distinto engenheiro Mr. Paul Marjion.

O jazigo é constituído por filões de quartzo com wolframio na percentagem

de 0,7, situado, como todos, n'uma zona de contacto (micaxisto granito) havendo formações filonianas em direcções proximalmente perpendiculares.

O trabalho de acesso aos filões faz-se por galerias de direcção a desniveis de 20^m a 40^m, conforme são filões verticaes ou filões-camadas, e aquelas comunicam entre si por meio de chaminés. O arranque opera-se ou por perfuradoras a ar comprimido ou a maça e pico. A dinamite gasta mensalmente



A entrada da galeria que conduz ao pizo do elevador com 32 metros de profundidade.

é de 4:000 kilogramas.



Um combolo de wagonetes transportando minerio da contra-mina para a lavaria. Na extrema direita vê-se a entrada da contra-mina.



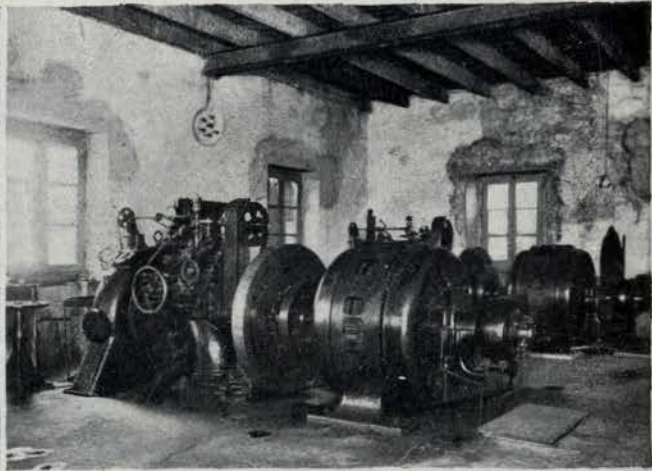
Minheiros trabalhando no desmorte do filão Santa Barbara, que tem a profundidade de 80 metros.

A extração faz-se por galerias de nível inferior ao macisso a desmontar e o minerio é carregado das chaminés em wagonetes de 600 litros sendo puxado por mulas até ao elevador que os transporta á lavaria onde é sujeito á quebragem, escolha á mão e mecanica, classiffiação e concentração.

A energia electrica para todos os trabalhos

As cotações d'este minerio tem variado bastante. Antes da guerra a cotação era de 35^{sh.} a unidade a que corresponde aproximadamente a 600\$00 a tonelada. No começo da guerra a cotação official ingleza era de 57^{sh.} a unidade (1.200\$00 por tonelada). Estas cotações referem-se ao minerio de 60^o/o.

Atualmente, apoz a questão Ahlers, a exporta-

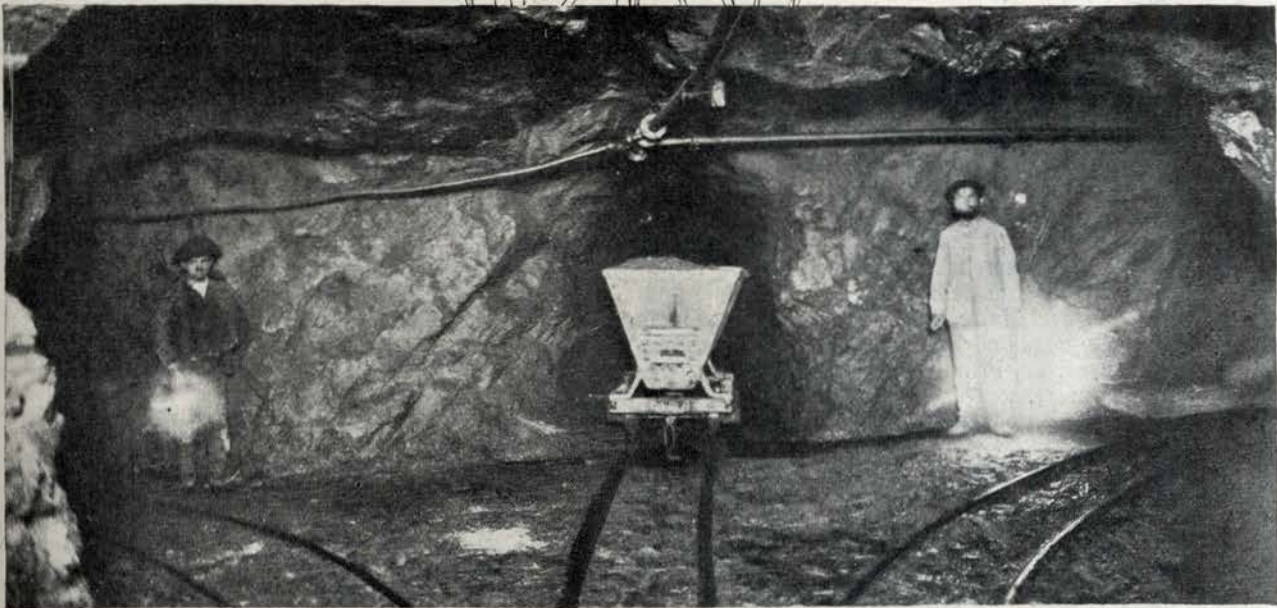


2. Avançamento do filão de Santa Barbara, a 100 metros de profundidade, e situado ao fim de uma galeria de 1500 metros. Um mineiro fazendo furos com a perfuradora para os cartuchos de dinamite, a cujo trabalho assiste o director das minas da Borralha, sr. Paul Marljon. 3. Interior da central hidro-electrica de Mizarela, com a potencia maxima de 900 HP.

da mina é fornecida pela central hidro-eletrica de Mizarela, composta de 3 grupos de turbinas e alternadores de 300 HP cada.

O wolframio aplica-se principalmente em material de guerra, lampadas e maquinas electricas.

ção do minerio depende do acordo entre o governo portuguez e a missão militar franceza, não tendo já o sr. Ahlers nada que vêr com a questão. Este acordo foi devido a vender-se o minerio para a Alemanha e por se fazer contrabando por Hespanha.



Para provar a importancia do minerio basta dizer que em Pittsburg o wolframio chegou a pagar-se a 80 dollars a unidade (7.200\$00 por tonelada). Este preço excepcional n'uma só semana baixou para 40 dollars e atualmente está a 18.

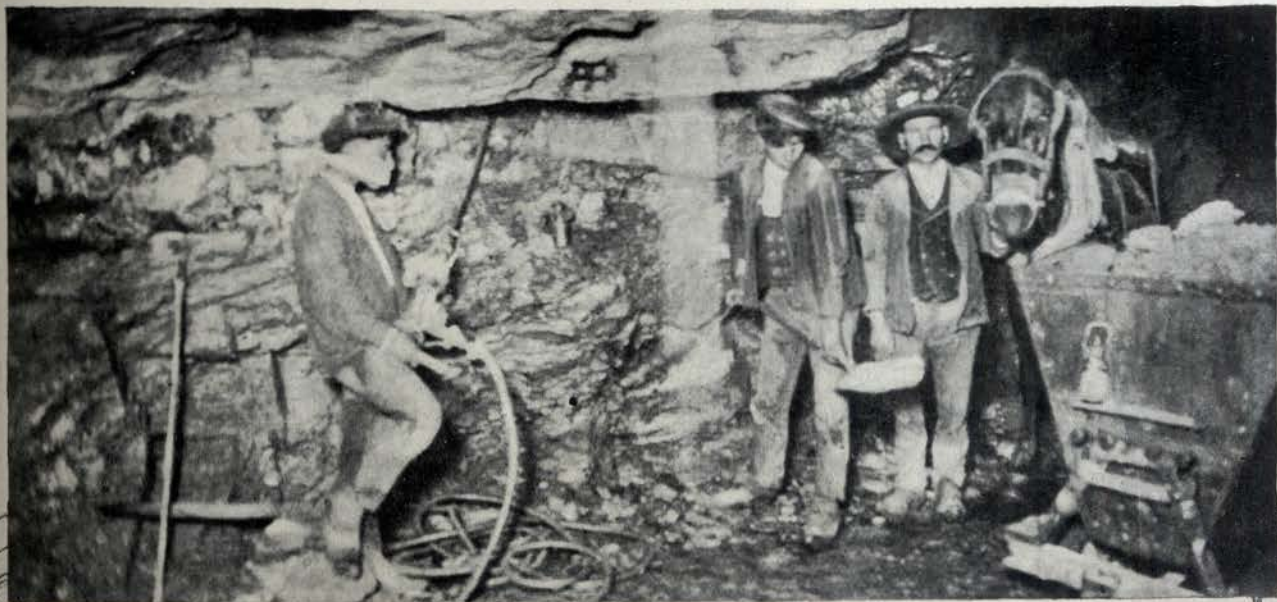
E' bom notar que Portugal é o país que dá uma produção de quasi $\frac{2}{3}$ da produção mundial.

A alta de preço do wolframio levou varias povoações a procurarem o minerio á superficie (ex-

dizer que para assegurarem a descoberta d'um pequeno filão havia lutas como se estivessem

na California busca do ouro. No Douro um povoação chegou mesmo a organizar-se em sindicato, havendo respectivo presidente, secretario e tesoureiro.

O minerio era vendido aos domingos á porta da igreja onde se juntavam os negociantes intermediarios dos grandes comerciantes e o dinheiro era repartido proporcio-



1. Bifurcação de um filão do grupo F a quatrocentos metros de profundidade. — 2. Barragem que faz o desvio da agua do rio Rabagão para as turbinas da central hidro-electrica de Misarela. — 3. Um operario fazendo furos com uma perfuradora na encruzilhada do grupo D e outros carregando um wagonete com o minerio extraido.—(Clichés Ruah).

ploração ilegal); mas para o poderem fazer usavam diversos processos não sendo exagero

nalmente ao trabalho executado.

Zilhão e Ruah, engenheiros.

A fecundidade da mulher portugueza

Um dedicado amigo da *Ilustração* e esclarecido espirito, sr. Augusto de Sousa Maldonado, de Veiros, teve a gentileza de nos enviar as fotografias que n'esta pagina reproduzimos, *clichés* do distinto amador, sr. J. Ermida, acompanhadas de uma interessante carta. Trata-se de tres creanças de um parto, tres pequerruchas: Laura, Balbina e Olimpia, todas perfeitas e de saude, o que é mais uma prova irrefragavel da fecundidade da mulher portugueza e de que o numero de mulheres, em Portugal, é superior ao do homem.

Transcrevemos a carta do sr. Sousa Maldonado :

«Nasceram as tres, em 29

de março

de 1916, na herdade de Torre do Mato, freguezia de Santo Aleixo, concelho Monforte (Alemtejo).

Seus paes, Alexandre Flalho, pastor, e Balbina Pires, de 38 anos, ha anos, 14, que são casados; teem tido oito filhos; o mais velho tem 12 anos e o antecedente ás gêmeas 30 mezes. Estas poucos dias antes da data do retrato, acarteliet-as sadias, rosadas e robustas; qualquer d'elas pezava então oito kilos aproximadamente! A mãe amamenta as tres; não sabe qual nasceu primeiro—«Quasi ao mesmo tempo nasceram todas, em dez minutos se tanto!» diz ella.

Vive feliz, esta boa familia, na referida herdade da Torre do Mato, propriedade do sr. Francisco João de Sousa Zuzarte, lavrador culto e intelligente, e de sua digna esposa, a sr.^a D. Maria Teresa Côrtes Zuzarte.

N'esta herdade, bem conhecida no distrito de Portalegre, pela franca e fidalga hospitalidade dos seus proprietarios, escreveu João de Deus alguns dos seus lindos versos.

Se o querido e imortal lirico podesse voltar, e, a evocar saudades n'esses sitios, campos bravos d'antes, tornados hoje jardins, lhe apparecesse esta mulher, flor do campo verdadeira, tripariando meigamente, pelas tres filhinhas gêmeas o generoso leite dos seus dois seios milagrosos,—que melodia em trova, voaria d'essa lra, divina, onde, Ele, com flagrante verdade e sentimento, cantou o coração das mães também?!..

Narrar como o poeta e Antonio Maldonado, seu malgrado companheiro e amigo, tendo saído a pé de Coimbra, all vieram parar, depois d'uns airados mezes, seria lembrar uns interessantes episodios da esturdiada mocidade dos dois.—Porém esse conto boemio, vagabundo, não cabe no assunto d'esta carta, já ultra abusiva da benevolente e grande paciencia, de que V. teve de se munir para ler o indesculpavel massador, que se assigna

Augusto de Sousa Maldonado.

Como se vê, a carta do sr. S. Maldonado é de veras interessante e lê-se com prazer. Nada mais temos a acrescentar-lhe senão os nossos vivos agradecimentos.



1. Tres gêmeas de 7 mezes e a mãe
2. Entrada do jardim da herdade da Torre do Mato e os proprietarios da mesma herdade, sr. Francisco João de Souza Zuzarte e sua esposa sr.^a D. Maria Tereza Côrtes Zuzarte.

(Clichés do distinto fotografo amador sr. J. Ermida).

COIMBRA

Não ha decididamente campos mais belos do que aqueles em que se engasta Coimbra com o seu tipo pesado de cidade velha. Para onde quer que nos volteemos, seja para os montes, seja para os campos, seja para o seu rio e numerosas valas que o ladeiam, ha sempre que admirar na harmonia das linhas, na exuberancia de uma natureza privilegiada, no pitoresco da paisagem, tudo envolto n'uma atmosfera soterada de pulverisações de luz e de uma doce tepidez que nos convida a sonhar.

Quando passamos ali no comboio e a encontramos velada pelo nevoeiro, trans-

pirado de tanto arvoredo e de tanta agua, causa um pezar indescritivel o não poder saudal-a, e não poder matar saudades, como se fosse uma pessoa querida que um contratempo inesperado nos furtasse á vista. Coimbra não é só bela para quem ali viveu, percorrendo-a toda, sentindo-a nas suas belezas naturais, nos seus costumes e tradições; é bela para quem esteve só ali um dia ou dois e até para quem só a vê do comboio, n'uma manhã de sol ou n'uma noite de luar, ou mesmo para aqueles que sonham com ela atravez dos sonhos dos outros.



Coimbra. — Disfrutando o panorama do Alto do Pio.



Camponesas do Minho.



Passeando em Montes Claros.



Coimbra. — Lavadeiras na margem direita do Mondego, vendo-se ao fundo passar pela ponte que atravessa aquele rio o comboio rápido.

(Clichés do distinto fotografo amador de Coimbra, sr. José Fernandes Meira).



1. A sr.^a D. Elvira M. F. da Cunha, filha-do proprietário do Hotel Beira, falecida em Oliveira do Hospital.—2. A sr.^a D. Maria da Conceição B. Parreira, proprietária, falecida em Alcaer do Sal.—3. A sr.^a D. Maria E. F. Camões, filha do sr. Antonio F. Camões, proprietário, falecida na Figueira da Foz.—4. O reverendo José L. de Matos, diretor do antigo jornal catolico e monarchico «O Portugal», falecido em Arganil, para onde retirou apoz a implantação da Republica.—5. O capitão reformado do exercito colonial sr. João P. C. Bastos, falecido na Amadora.—6. O sr. José M. Esteves, falecido em Lisboa, pae do professor sr. Carlos Esteves, secretario da inspecção escolar.—7. O sr. Augusto C. Pereira Bravo, jornalista e nosso antigo camarada da «Seculo», falecido em Lisboa.—8. O capitão sr. Armando Oscar da Cruz e Souza, falecido em Lisboa. Era deputado por Vizeu.



Sonetos. — Candido Guerreiro é um poeta de grande valor. A *Ilustração Portuguesa* já mimoseou os seus leitores com alguns lampejos do seu peregrino talento e n'um concurso de poetas, por ela aberto, foi-lhe conferido por abaladoo juri o devido premio. O seu formoso livro *Sonetos*, vem deixar de ler os *Soneto*-prefaciado por guerra Junqueiros e de os entesourar na sua ro, acaba de aparecer em 2.^a biblioteca.

edição, uma edição artistica da *Renascença Portuguesa* que certamente se esgotará tão depressa como a primeira, porque todos os apreciadores da boa poesia, inspirada, são e correta, em que vibra uma bela alma, cheia de crenças e de amor á sua terra, não deo seu formoso livro *Sonetos*, vem deixar de ler os *Soneto*-prefaciado por guerra Junqueiros e de os entesourar na sua biblioteca.



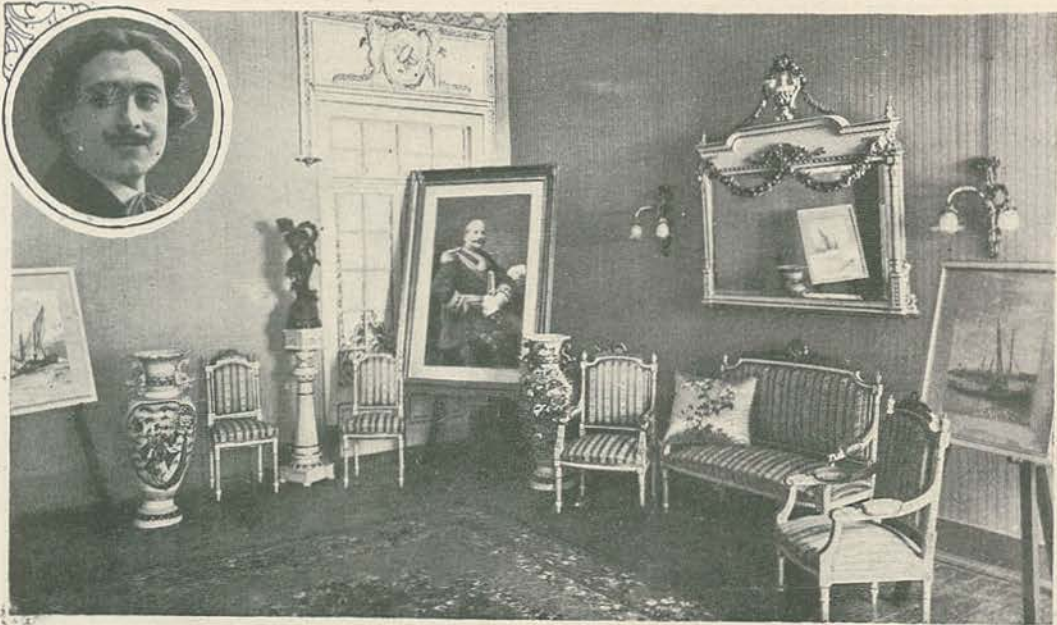
O sr. Albano Neves, da Academia de Sciencias de Portugal, um dos maiores admiradores de Camilo, que recolheu depois de uma aturada investigação, notas que o genial escritor e grande romancista, escreveu á margem em varios volumes da sua preciosa biblioteca, que anda por aí impiedosamente disseminada, e publicou-as em um elegante volume.



Comissão que em Itacoatiara, cidade do Estado do Amazonas, Brazil, coadjuvou o «Grupo Dramatico» d'aquella cidade no espectáculo que ofereceu á comissão da «Cruz Vermelha Portuguesa». Da esquerda para a direita: O sr. Samuel Ezagui, sr.^a D. Filomena Figueiras, D. Santa Antunes, sr. Eduardo Santos, sr.^a D. Mary Souto, sr. Camilo Correia de Carvalho, sr.^a D. Dolores Assunção e o sr. Oscar Ramos.



O tenente maquinista de marinha, sr. Artur de Aguilhar, autor de um precioso livro de versos intitulado *O Livro d'Elta*, que a critica recebeu com os maiores elogios e que na verdade contém poesias deliciosas em que a imaginação do poeta se admira pela variedade das suas belas composições, todas ellas cheias de inspiração.



Aspêto de uma sala da fotografia *Brazil*.—No medalhão o sr. Antonio dos Santos Almeida

A *Ilustração Portuguesa* conta a fotografia *Brazil* entre os seus colaboradores mais apreciados, tendo já dado ao seus leitores belos *specimens* dos seus trabalhos. Ha dias registamos com magua o falecimento do seu proprietário sr. Carlos

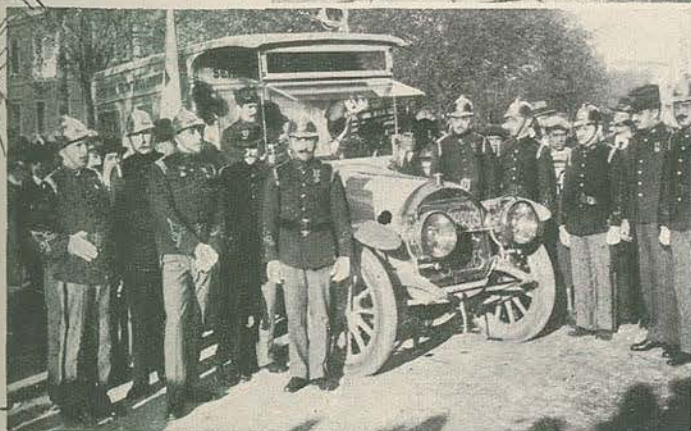
Silva e hoje cumpre-nos prestar homenagem ao zelo e competência com que o distinto artista sr. Antonio dos Santos Almeida, está gerindo o estabelecimento merecendo, pelo seu trato afavel as maiores simpatias.



1. A atriz Adella Pereira, artista de reconhecido merito, que trabalhou em Portugal e no Brasil, falecida em Lisboa. 2. A sr.^a D. Maria Augusta Cardoso viuva do sr. Joaquim Augusto Cardoso, falecida no Cadaval, onde era proprietária. 3. O sr. José L. Alves Gomes, presidente da Junta de paróquia e comerciante em Alparça, onde faleceu. 4. O sr. Joaquim José de Carvalho, falecido em Mourão. Era irmão do solicito correspondente do *Seculo* n'aquella villa, a quem enviamos sentidos pezames.



Bombeiros Voluntarios Lisbonenses. — Esta benemerita instituição, que de dia para dia mais notavel se vem tornando nos serviços que presta á cidade de Lisboa, adquiriu um automovel-ambulancia para transporte de feridos por ocasião de incendios. Assim, fica o seu material de salvação completo, pois não lhe falta qualquer utensilio dos usados pelos bombeiros das grandes cidades europeias.



3. Os bombeiros voluntarios Lisbonenses junto do seu novo automovel-ambulancia. — 4. O novo automovel-ambulancia dos bombeiros voluntarios Lisbonenses. 5. A maca com um ferido no automovel ambulancia.



Senhoras e meninas que tomaram parte na festa em favor da «Cruzada das Mulheres Portuguezas.» (Cliché do distinto fotografado sr. Marques Junior).

Cruzada das Mulheres Portuguezas.

— Em Tondela um grupo de gentis senhoras e meninas promoveram em favor da «Cruzada das Mulheres Portuguezas» uma festa que resultou brilhante e rendosa graças á parte ativa que n'ela tomara a sr.^a D. Mariana Vilares e mademoiselle Julia Reimano, sendo um dos mais interessantes pontos do programa da festa uma «kermesse», que foi extremamente concorrida.

A Escola Brotero em Coimbra



Um incendio medonho devorou ás 3 horas e meia da madrugada de 12 do mez corrente parte das dependencias do antigo convento de Santa Cruz em Coimbra, onde estava instalada a Escola Commercial e Industrial Brotero e a 2.^a direcção dos serviços fluviaes e maritimos. Tanto n'um como n'outro estabelecimento encerravam-se trabalhos importantes e documentos que se perderam todos no incendio, apezar do ardor e tactica com que este

foi combatido, mal chegando a alcançar o santuario, onde se conservam muitas preciosidades que, felizmente, nada soffreram, assim como as alfaias e objectos do culto do museu da egreja, que foram retirados a tempo.

O parlamento ocupou-se do grave transtorno que iam sofrer os serviços escolares, sendo aprovado o projecto referente á construcção da Escola Brotero, devendo as obras proseguir com toda a força.



1. Os dois corpos da Escola Brotero destruidos pelo fogo, — 2. A frontaria da Escola Brotero e o corpo do edificio (lado poente).

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, PARIS

Grande marca franceza



CRÈME
SIMON

PARA
 conservar ou dar
 ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDA DE.

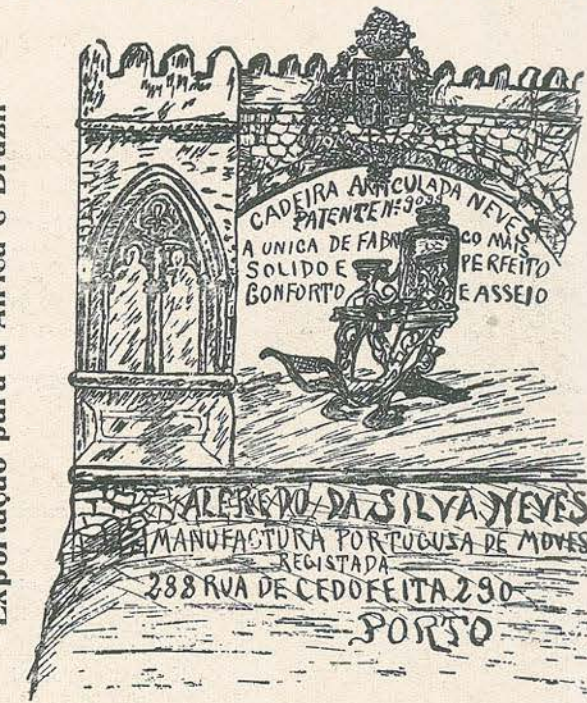
Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÕS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS 10^e**
 Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabelleresios.

Desconfiar das Imitações.

Exportação para a Africa e Brazil



A "Cadeira articulada Neves" para barbeiros e dentistas é a melhor de todas

Representante e depositario em Lisboa:

Augusto J. M. Estorninho

R. do Livramento, 106-108—ALCANTARA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM
TODOS OS GENEROS Fazem-se nas o (cimas da
'ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA'
 RUA DO SEGULO, 43—LISBOA

Perfumaria
Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

CASA RUBI
 Telefone: Central 3851
Iluminação, higiene e aquecimento.
Montagens e reparações.
 120—R. DOS RETROZEIROS—122
 — LISBOA —

Crème Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ
 Preparado de pureza garantida. Frasco: 4\$000 rs., 2\$500, 2\$000, 1\$500 e 800 rs.
 Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7. 2.^o
 Telefone 4.350 centr.

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE

27. Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

CHÁ HORNIMAN

COLGATE'S TALC POWDER



Pó de Talco COLGATE

(COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes vantagens
o pó d'arroz.

INDISPENSÁVEL NA HIGIENE
DAS CRIANÇAS E NA TOILETTE
DOS ADULTOS

Encontra-se em todos os
bons estabelecimentos que
também vendem sabonetes,
perfumes, loções, elixires
dentífricos, crêmes, etc. d'es-
ta acreditada marca americana.

Contra 6 cent. em estampilhas
será enviada uma amostra
pelos Agentes Geraes

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA
DOS ESTABELECIMENTOS



Gaston, Williams & Wigmore, Lt. ^{da}